

História do Natal

© 2000 José Roitberg - atualizado em janeiro 2004

Por José Roitberg - fale com o autor editor@jipemania.com

Você encontra dezenas de propagandas antigas para o Natal e cartões de Natal do século XIX e início do XX em <http://jipemania.com/coke>

Antes de Cristo

Desde tempos ancestrais o meio do inverno é o momento de celebrações em todo o mundo. Séculos antes de Jesus, os antigos europeus celebravam a luz e o nascimento do mais escuro e longo dos dias do inverno.

Muitos povos se reuniam no solstício de inverno quando o pior do inverno ficava para trás e eles podiam olhar em frente, esperando por dias mais longos com mais luz do sol.

Escandinávia

Na Escandinávia, o **Yule** era celebrado no dia 21 de dezembro, o solstício de inverno. Em reconhecimento ao retorno do Sol, pais e filhos traziam grandes toras de madeira, que incendiavam. As pessoas comemoravam até o fogo se apagar, o que podia levar até 12 dias.

Os nórdicos acreditavam que cada fagulha representava um novo porco ou gado que iria nascer durante o ano seguinte. O final de dezembro era a época perfeita para celebrar na maior parte da Europa.

Nesta época do ano a maior parte do gado já havia sido abatida para que ele não tivesse que ser alimentado durante o inverno. Para muitos, era a única época do ano para conseguir carne fresca.

Além disso, a maior parte do vinho e da cerveja feita ao longo do ano já estava fermentada e pronta para consumo.

Alemanha

Na Alemanha, as pessoas honravam o **deus pagão Oden**, durante o meio do inverno. Os alemães tinham muito medo dele por causa de seus bem conhecidos vôos noturnos no céu nos quais ele definia quais pessoas iriam prosperar e quais iriam perecer. Por causa da presença dele, a maioria das pessoas ficava dentro de casa.

Oden é a pronúncia nórdica e centro-européia para **Odin**, o “deus-chefe” do Valhalla, moradia dos deuses na mitologia da Escandinávia, que antes da chegada do culto ao deus único se espalhou pelo norte e centro da Europa.

Roma

Em Roma, onde os invernos não eram tão fortes quanto no norte da Europa, existia a **Saturnália**, em honra a Saturno, deus da agricultura. Começava na semana antes do solstício de inverno e continuava por um mês.

A Saturnália era um tempo de fartura, onde comida e bebida eram disponíveis e a ordem social romana era virada de ponta-cabeça. Por um mês, os escravos se tornavam mestres. Pessoas normais comandavam as cidades. Negócios e escolas eram fechados para todos se juntarem às festas. Era uma das épocas em que as orgias romanas eram mais ativas.

Também em torno do solstício de inverno, os romanos observavam a **Juvenália**, honrando as crianças de Roma. Membros das classes dominantes também celebravam o nascimento de **Mithra**, deus do Sol, no dia 25 de dezembro. Acreditava-se que Mithra, um deus infantil, havia nascido de uma pedra. Para muitos romanos, era o dia mais sagrado do ano.

Depois de Cristo

Nos primeiros anos do cristianismo, a **Páscoa ou a ressurreição** era o feriado principal. O nascimento de Jesus não era celebrado.

No século IV, oficiais da Igreja decidiram instituir o nascimento de Jesus com um feriado. Mas havia um problema: a Bíblia não menciona a data de seu nascimento.

Apesar de algumas evidências sugerirem que o nascimento de Jesus ocorreu na primavera, o **Papa Julius I escolheu 25 de dezembro**.

Alguns estudiosos acreditam que a Igreja adotou esta data num esforço de absorver as tradições pagãs do festival da Saturnália.

Primeiro foi chamado de **Festa da Natividade**, o costume se espalhou para o Egito em 432 e chegou até a Inglaterra no final do século VI. Esse nome foi mantido ou adaptado nos países de língua latina. Em espanhol continua-se comemorando na **Navidad** e em português o **Natal** (de natalício, nascimento)

Ao final do século VIII, já tinha se espalhado por toda a Escandinávia. Hoje, as Igrejas Ortodoxas grega e russa, **celebram o Natal no dia 6 de janeiro**, também referido como o **Dia dos Três Reis**, que seria o dia em que os 3 Reis Magos teriam encontrado Jesus na manjedoura.

Mantendo o Natal no mesmo período dos tradicionais festivais de solstício de inverno, os líderes da Igreja aumentaram as chances de que o Natal se popularizasse e também conseguiram ter a habilidade de ditar como ele seria celebrado.

Na Idade Média o cristianismo tinha substituído a maior parte das religiões pagãs européias. No Natal, os crentes iam à igreja, depois celebravam intensamente, se embebedavam, numa atmosfera tipo carnaval.

Na Inglaterra a cada ano, um desocupado ou um estudante era aclamado como o “**Lorde da Má Conduta**” e os participantes brincavam com suas ordens e desmandos. Os pobres iam às casas dos ricos e exigiam a melhor comida e melhor bebida.

Se os donos da casa falhavam em fornecê-las, os visitantes os aterrorizavam. Natal se tornou uma época do ano em que as classes dominantes pagavam seus débitos reais ou imaginários com as parcelas menos afortunadas da sociedade. Aqui você também pode perceber de onde surgiu a tradição de “Gostosuras ou Travessuras” da festa americana do Halloween.

Natal Proibido por Lei

No começo do século XVII, uma onda de reforma religiosa se abateu sobre a Europa e mudou a forma como o Natal era celebrado.

Quando Oliver Cromwell e suas forças Puritanas tomaram conta da Inglaterra em 1645, eles decidiram tirar a Inglaterra de seu rumo decadente e como parte desses esforços, **cancelaram o Natal**.

Por força popular, o rei Charles II foi reconduzido ao trono e com ele, voltou o Natal.

Os peregrinos, ingleses separatistas que chegaram à América em 1620, eram mais ortodoxos em suas crenças puritanas que Cromwell.

Como resultado, o Natal não era um feriado na América. De 1659 até 1681, a celebração do **Natal era proibida por Lei em Boston**. Qualquer um que demonstrasse espírito natalino era multado em 5 shillings.

Depois da Revolução Americana, os costumes ingleses foram abandonados, incluindo o Natal. De fato, o Congresso estava em sessão no dia 25 de dezembro de 1789, o primeiro Natal sob a nova Constituição. **O Natal só foi declarado feriado federal em 26 de junho de 1870**.

A versão americana de **Santa Claus**, recebeu essa inspiração de uma lenda Holandesa de **Sinter Klaas**, trazida por fazendeiros imigrantes no século 17 que se estabeleceram em Nova Iorque, chamada na época, de Nova Amsterdan e de colonização predominantemente judaica.

Nova Amsterdan atraia os novos imigrantes holandeses pois foi fundada pelos holandeses que foram expulsos do Brasil, a maioria judeus que haviam sido expulsos de Portugal e Espanha pela Inquisição e imigrado para a Holanda, depois de tentar se fixar, durante vários anos em Olinda, Pernambuco.

Sinter Klass chega à Nova Iorque



São Nicholas fez sua primeira aparição na cultura popular americana em 1773 e depois em, 1774, quando um jornal de Nova Iorque publicou uma matéria sobre o encontro de famílias Holandesas para honrar o aniversário de sua morte. O nome Santa Claus, evoluiu do original holandês Sinter Klass.

Numa matéria escrita em Nova Iorque, em 1809, **Washington Irving** descreve a chegada de St Nicholas, num cavalo, em cada véspera do dia de São Nicolau - 6 de dezembro.

Criado o Papai Noel Moderno



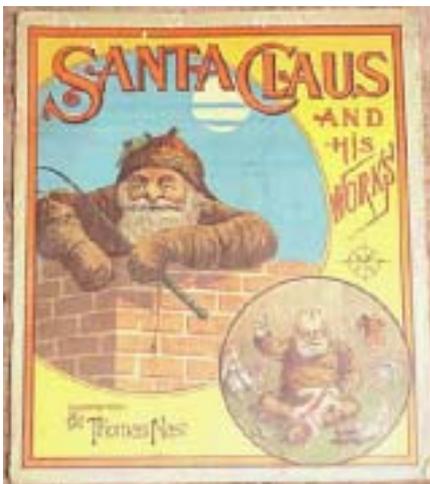
Em 1822 um ministro episcopal, **Clement Clarke Moore**, escreveu um poema de Natal para suas três filhas, intitulado "**An Account of a Visit from St. Nicholas**" - Um Relato da Visita de São Nicolau, também conhecido como "**The Night Before Christmas**" - A Noite Antes do Natal. Moore foi o primeiro a imprimir um dicionário de hebraico para inglês em 1809, com apenas 30 anos de idade.

Moore hesitou em publicar o poema devido à sua natureza frívola mas é o responsável pela moderna imagem de Santa Claus, como "um elfo rechonchudo" com habilidades sobrenaturais de subir por uma chaminé apenas levantando sua cabeça. (texto completo em inglês no final deste trabalho)

Uma senhora chamada Harriet Butler conseguiu o texto com um dos filhos de Moore e o submeteu ao editor do Troy Sentinel, de Nova Iorque, onde foi publicado no Natal do ano seguinte, em 1823. Sem autor definido, o texto foi publicado posteriormente em diversos jornais e revistas chegando a constar do The New York Book of Poetry - Livro de Poesias de Nova Iorque, de 1837. Apenas em 1844 o próprio Moore assumiu a autoria.

Mesmo que alguns elementos do poema de Moore tenham sido pegos de outras fontes, ele ajudou a popularizar a idéia de que Santa Claus voa de casa em casa na véspera de Natal em um trenó puxado por oito renas voadoras, cujos nomes ele criou, e que entregava presentes para as crianças. O "An Account of a Visit from St. Nicholas", criou imediatamente um ícone popular americano.

Papai Noel Vermelho e Branco em 1866



Em 1866, o cartunista político **Thomas Nast** fez um livro ilustrado a 4 cores (ao lado), a partir do conto de Moore e criou a primeira imagem moderna de Santa Claus, como conhecemos hoje. Chamava-se "**Santa Claus and His Works**" - Santa Claus e Seus Trabalhos e foi encartado na edição natalina do jornal semanal Harper's Weekly, a principal mídia americana desde a Guerra Civil.

Seus desenhos e mostravam um Santa Claus gorducho, alegre com uma grande barba branca e um saco cheio de presentes para as crianças. Nast também nos deu a roupa vermelha com "peles" brancas, a oficina do Polo Norte, os elfos, e a esposa: Mrs Claus. Mesmo depois disso, durante décadas em cartões de natal e no início do século XX em anúncios publicitários, havia outras imagens

para Papai Noel, nos EUA e na Europa: magro, com roupas diferentes como mantos, roupas nas cores azul, branca e vermelha e marrom e muitos com roupa completamente marrom.



Thomas Nast

Nossa Opinião



Curiosa impressão a 3 cores de 1902

Após muito pensar, temos uma opinião pessoal sobre os motivos da popularização da roupa vermelha de Papai Noel.

Observando os antigos anúncios da década de 1910/20, percebemos que foi uma época da evolução e popularização dos processos de impressão de jornais e revistas.

Antes de se tornarem coloridos, o processo chamado de “duas cores” ainda muito usado até hoje, era uma das coisas mais modernas que havia.

Neste processo, temos na verdade 3 cores: o branco ou outra cor do papel; a tinta preta; e outra tinta de qualquer outra cor.

Combinando retículas de impressão, pode-se ter misturas entre as tintas e suavização delas com a cor do papel.

Adivinhe? A tinta mais usada era a vermelha, pelo motivo óbvio de chamar mais a atenção nos anúncios que o azul, amarelo ou verde.

Logo, para as propagandas de Natal, o Santa Claus teria a roupa branca, preta, cinza ou em algum tom de vermelho. Qual você escolheria? Vermelho é claro!

Dê uma olhada em nossa seção de Natal e você verá anúncios originais, anteriores a 1932 onde o Papai Noel está em vermelho e branco e não tem nada a ver com a Coca-Cola.

Natal - Caso de Polícia

Apenas em meados do século XIX os americanos começaram a comemorar o Natal. Os americanos reinventaram o Natal e o modificaram de um carnaval para um dia centrado na família, na paz e na nostalgia. Mas o que, em 1800 atraiu a atenção dos americanos para o Natal?

O início do século XIX foi um período de conflito de classes e confusão na América. Nesta época o desemprego era alto e conflitos de gangues sempre ocorriam durante o Natal. Em 1828, o Conselho Municipal de Nova Iorque criou a primeira força policial, para responder aos conflitos de Natal. Isso catalisou certos membros das classes mais altas para começar a mudar a forma como o Natal era celebrado na América.

Em 1819, o autor de best-sellers **Washington Irving** (o mesmo do jornal de 1809) escreveu **The Sketchbook of Geoffrey Crayon**, uma série de histórias, entre elas sobre a celebração de Natal em uma casa Inglesa. Os contos tinham uma pessoa que convidava os transeuntes para sua casa no Natal.

Em contraste com as situações de ódio das ruas americanas, os personagens do livro se confraternizavam sem problemas. Na cabeça de Irving, o Natal deveria ser pacífico. Os personagens de Irving se divertiam com os costumes antigos e até mesmo o “**Lorde da Má Conduta**” estava presente.

O livro de Irving não foi baseado em nenhuma comemoração onde ele esteve presente e muitos historiadores concordam **que ele tenha inventado** a tradição quando afirmava, no livro, que aqueles eram os verdadeiros costumes da época.

Preenchendo Um Vazio Cultural



Em 1843, o escritor inglês **Charles Dickens** lançou a clássica história de Natal: “**A Christmas Carol**”. (**Conto de Uma Noite de Natal** - com os 3 fantasmas etc).

A mensagem era a importância da boa vontade e caridade para toda a humanidade. O conto atingiu em cheio a sociedade americana e inglesa e mostrou aos membros da era Vitoriana, a importância e os benefícios de celebrar o Natal.

A família estava se tornando menos disciplinada e mais sensível às necessidades emocionais das crianças nos primeiros anos de 1800.

O Natal oferecia uma data onde se podia dar presentes e atenção às crianças sem parecer que as estavam mimando. Os americanos começaram a celebrar o Natal com um perfeito feriado familiar.

Os velhos costumes começaram a ser abandonados. As pessoas procuraram recentes imigrantes católicos para saber como a data deveria ser celebrada.

Pelos próximos 100 anos os americanos construíram a tradição de Natal por conta própria incluindo, roupas, objetos e outros costumes, como a decoração de árvores, enviar cartões e dar presentes.

A maioria das famílias logo comprou a idéia de que estava celebrando o Natal como havia sido por séculos. **Os americanos reinventaram o Natal para preencher as necessidades culturais de uma nação em crescimento.**

De São Nicolau a Papai Noel

Na busca das raízes históricas de Santa Claus, é preciso ir fundo no passado para descobrir que Santa Claus é uma combinação de diversas lendas e criaturas mitológicas.

A base do **Santa Claus** cristão é o bispo **Nicholas de Smyrna (Izmir)** onde, hoje é atualmente a Turquia.

Nicholas viveu no século 4 dc, quando o cristianismo estabelecia sua modernidade em Bizâncio (Turquia) e não em Roma, apesar de coexistirem Papas e líderes bizantinos. Ele era muito rico e generoso, sempre dando presentes para as crianças. Tinha o hábito de jogar presentes para as crianças pobres pelas janelas de suas casas.

A Igreja Ortodoxa Bizantina elevou St. Nicholas ao status de “milagreiro”. Em sua honra, foi construída uma catedral na Rússia, hoje, a mais antiga do país. A Igreja Católica Romana honrou Nicholas por ele ter ajudado as crianças e os pobres, tornando-o santo das crianças e navegantes. **Seu dia é o 6 de dezembro.**

Cronologia de São Nicolau

São Nicolau nasceu em 280 dc, em Patara. Homem rico, se tornou sacerdote cristão ortodoxo e depois, bispo. Viajou por Bizâncio fazendo caridade. No ano 303 dc, o Imperador Romano, Diocleciano, ordenou que todos o tratassem por um deus (a ele, Diocleciano), incluindo os cidadãos de Bizâncio.

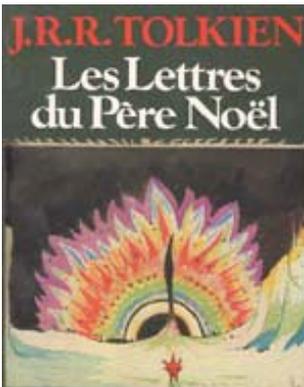
Como os cristãos acreditavam num deus único, resistiram às ordens, inclusive Nicolau, que passou 5 anos preso. Em 313 dc, Diocleciano, foi deposto, e Constantino assumiu o Império Romano. Nicolau foi solto e voltou ao seu posto de Bispo de Mira, continuando seu trabalho até 6 de dezembro de 343 DC, quando faleceu, aos 63 anos.

Pelo ano 450, várias igrejas tinham sido construídas, em sua honra, na Turquia e Grécia. No ano 800, foi oficialmente reconhecido como Santo pela Igreja Ortodoxa. Em 1200 e tanto, o dia 6 de dezembro passou a ser o Dia de São Nicolau na França. Em algum ponto, lá pelos idos de 1400, São Nicolau passou a ser a terceira figura mais reverenciada no cristianismo, perdendo apenas para Maria e Jesus.

Posteriormente, com a adoção do **Father Christmas** e a Reforma Protestante na Inglaterra, Nicolau foi perdendo sua posição de devoção cristã e aos poucos entrando num circuito paralelo mais voltado à caridade na sua data.

Com o uso mercantilista dado pelos oportunistas do marketing do início do século, passou de figura religiosa à figura comercial. Muitas vezes seu caráter religioso é relevado até por praticantes de outras religiões e de Santo, caridoso, passou a ser um mero objeto capitalista sendo explorado, vendido e comercializado em milhares de formas e produtos diferentes, mas até hoje, conserva as pesadas roupas de inverno e cores vencedoras - vermelho e branco - mesmo nos tórridos natais tropicais.

25 de dezembro foi aproveitado comercialmente, para passar de um feriado religioso, de louvor e introspecção, para apenas uma data mercantilista, onde todos se vêem compelidos, por uma tradição que julgam ser religiosa e milenar, a gastar seu décimo terceiro salário no mercado.



O desconhecido livro do escritor do Senhor dos Anéis

Como Christmas se tornou Natal?

Nas áreas Protestantes do centro e nordeste da Alemanha, **St. Nicholas** ficou conhecido como **Weinachtsmann**. Na Inglaterra como **Father Christmas**, a partir de 1500.

Quando fez seu caminho junto com os imigrantes holandeses para os EUA, foi referido como **Sinter Klass**.

Como Christmas (referente a Cristo) e Santa Claus se tornaram Natal e Papai Noel?

Bem, Natal é fácil, pois em italiano, onde fica a sede da Igreja, a festa é chamada **e il Natale** o “a aniversário (dia do nascimento)”. Em espanhol é **Navidad**.

Sinter Klass é um apelido de **Sint Nikolaas** (o holandês para São Nicolau).

Foi “inglesado” para **Santa Claus**.

Mas e o tal do Papai Noel?

Essa é mais difícil. Parte vem do francês, onde o **Natal** é chamado de **Noel**, que vem da frase “**les bonnes nouvelles**”, “**as boas novas**”, tradicional do Novo Testamento.

E o “**Papai**” vem da tradição inglesa de **Father Christmas** “**Papai Christmas**” que em francês virou **Père Noël - Papai Noel**.

Mas ainda tem mais um!

Não é só o Santa Claus americano do século XIX que foi inspirado em São Nicolau para aparecer na época de Natal. Outras figuras similares são populares em outras partes do mundo.

Christkind ou **Kris Kringle** entrega presentes para as crianças na Suíça e Alemanha. Significa “**Christ Child**” em inglês ou “**Cristo Criança**” e é uma figura tipo anjo que acompanha São Nicolau em suas missões de Natal. Por favor esqueça os filmes de Hollywood que dão o nome próprio de “Kris Kringle” ou “Mister Kringle”, ao Santa Claus quando ele se mistura com as pessoas normais!!!

Num filme lançado em 2002, “Meu Papai é Noel”, com Tim Allen, temos a maior pisada de bola de tradução da história do convívio do cinema americano com os péssimos tradutores para o português. Em um determinado momento, Santa Clause (como é chamado no filme) está ao lado de um de seus duendes, olhando de binóculo a chegada da Mamãe Noel. O duende fala: “Hei, it’s miss Santa Clause”, o que significa apenas: “Ei, é a Mamãe Noel”, mas o tradutor sapecou: “Olhe! É a cláusula de Mamãe Noel”... Em inglês “clause” é realmente “cláusula”.

Na Escandinávia, um elfo mágico chamado **Jultomten**, entrega presentes num trenó puxado por bodes...

A lenda inglesa também fala que **Father Christmas** “Papai Christmas” visita cada casa na véspera do Natal.

Pêre Noël é o responsável pelos presentes na França.

Na lendas russas, existe uma velha, chamada **Babouschka** (a mesma daquelas bonequinhas que ficam umas dentro das outras e significa vovó) que deu informações errada para alguns sábios, que não conseguiram chegar a Belém e encontrar Jesus, quando ele nasceu.

Depois, ela se sentiu culpada mas não conseguiu achar os homens ou desfazer o engano. Neste dia, **5 de janeiro**, ela visita as crianças russas deixando presentes perto de suas camas, na esperança de que alguma delas seja o bebê Jesus e que ela será perdoada.

Na Itália há outra lenda sobre uma mulher chamada **La Befana**, que voa numa vassoura e joga os presentes pelas chaminés para as crianças boas.

O quebra-cabeças cultural que formou o Natal

O Natal como conhecemos hoje é uma invenção da era Vitoriana, ao redor 1860, tendo uns 140 anos de “tradição milenar”. É o feriado mais celebrado no mundo e o resultado da fusão de diferentes tradições de diferentes regiões, de culturas religiosas e seculares.

Suécia - casas iluminadas

A maior parte dos países da Escandinávia honra **Santa Lúcia (St. Lucy)** a cada ano no dia **13 de dezembro**. A celebração do dia de Santa Lúcia começou na Suécia, mas se espalhou para a Dinamarca e Finlândia em meados do século XIX. Nestes países esta data marca o início do Natal, também referido como “pequeno Yule”.

Tradicionalmente, a filha mais velha de cada família, acorda mais cedo e vai acordar os outros membros da família, com um longo vestido branco com uma faixa vermelha e com um coroa com 9 velas acesas.

A iluminação de casas e ruas no Natal também vem dos países de inverno rigoroso para facilitar a visualização do caminhos durante os dias mais escuros e com menos visibilidade do ano, devido às nevascas.



Coca-Cola 1931

A ciência e o Papai Noel - Fim do Mito

Em 1925, quando, cientificamente, se definiu que as renas não podiam viver no **Polo Norte**, jornais americanos, revelaram que Santa Claus vivia, na realidade, na **Lapônia**, parte da Finlândia, onde não faltam renas.

Em 1927, num programa de rádio estatal finlandês, o locutor revelou que Santa Claus vivia na aldeia de **Korvatunturi**.

Em 1931 a Coca-Cola usou Santa Claus em suas propagandas e o popularizou ainda mais nos desenhos do ilustrador **Haddom Sundblom** que foram usados até 1964 e recentemente começaram a ser reeditados por falta de coisa melhor.

Curiosamente, os desenhos de Sundblom são auto-retratos: é a cara dele mesmo. Outros artistas e outros produtos usavam Santa Claus nas suas propagandas muito antes da Coca-Cola.

De 1931 a 1964 diversas empresas usaram a imagem de Santa Claus e não havia nenhum monopólio da Coca-Cola. Outros artistas fizeram desenhos até mais interessantes que os de Sundblom. (vários deles estão em nosso site <http://jipemania.com/coke>)

Podemos achar horrível a idéia de um Papai Noel fumante, mas e no conto original de Moore, ele fuma cachimbo. Só que também é um elfo pequeno, com um trenó em miniatura e mini-renas. Seu tamanho foi a solução de Moore para que ele entrasse pela chaminé.



Lucky Strike 1936

Durante a Segunda Guerra Mundial, a Coca-Cola teve a sensibilidade de tirar a Santa Claus e substituí-lo pelos soldados em combate e os que retornavam para casa. Outras marcas não: o Santa continuou a divulgar produtos no Natal, mesmo com os homens americanos sendo trucidados mundo a fora.

Nas imagens do site, você poderá ver coisas horrorosas como Santa Claus fumando, anunciando até mesmo cigarros Camel e Lucky Strike. Que presentão de Natal, hein? Câncer de pulmão, mas com sabor, baixos teores etc e tal...



edição de 1947

Rudolf a nona rena

A rena de nariz vermelho é a mais famosa de todas as renas e nasceu uns 100 anos depois das outras oito renas voadoras. Foi criação de **Robert L. May**, que trabalhava na loja de departamentos **Ward**. Os nomes corretos das outras você pode ver no texto original de 1822, na próxima página.

Em 1939 May escreveu uma história com o tema de Natal para atrair mais clientes para a loja. Ficando dentro do antigo tema de Moore, ele escreveu "**Twas the Night Before Christmas**", onde contava a história de Rudolf, uma jovem rena que tinha sido desprezada pelas outras devido ao seu grande nariz vermelho. Foram 117 anos depois do poema de Moore.

Mas quando houve nevoeiro na noite de Natal e Santa não conseguia ir a lugar nenhum, Rudolf liderou as outras 8 renas, iluminando o caminho com seu nariz vermelho e luminoso.

Em 1939, a **Montgomery Ward** vendeu **2,5 milhões de cópias dessa história**. Quando foi reeditado em 1946, **vendeu outros 3,5 milhões de exemplares**.

Em 1949, **Jonhy Marks** escreveu uma música sobre a história que foi gravada por **Gene Autry** e **vendeu, imediatamente 2 milhões de discos**. Desde então, a história já foi traduzida para 25 línguas e filmada para a TV em 1964, é passada quase todo o ano até hoje.

O panetone

Como tudo sobre o Natal há várias versões que apontam para o mesmo lugar na Itália. Na primeira delas, que nos parece a errada, Ughetto Degli Atellani, um falcoeiro milanês de origem nobre, se apaixonou por Adalgisa, **filha de um modesto confeitiro chamado Toni**. Para conquistar o coração da amada, o cavalheiro fingiu ser confeitiro e inventou um pão delicioso, acrescentando à farinha e à levedura, manteiga, ovos, uvas passas e cascas de laranja e limão confeitadas. O duque de Milão, Ludovico II Moro Sforza (1452-1508) autorizou o casamento, que foi celebrado na presença de Leonardo da Vinci e estimulou a fabricação do novo pão, o qual todos chamavam de "**pane di Toni**".

Na segunda versão o cozinheiro do Duque de Sforza teria tido problemas com a sobremesa de Natal e serviu um pão doce com recheio de frutas preparado por um de seus ajudantes de cozinha chamado **Toni**. O cozinheiro teria batizado o pão com o nome do ajudante.

A terceira versão parece a mais correta e vem da mesma época, quando a família italianas preparavam um pão especial para o Natal, um pão de luxo que no dialeto milanês se chamava "**pane de ton**". Mas o que conhecemos hoje surgiu em 1919, logo após o fim da Primeira Guerra Mundial, pelas mãos do confeitiro, também milanês, Angelo Motta, até hoje uma das marcas mais conhecidas na Itália.

Ele alterou a receita da massa e deu a forma tradicional e cúpula. Para isso a massa deve ficar em repouso durante 20 hora antes de ir ao forno e ganhar sua consistência macia e aerada.

Bem esse é o fim da história do Natal, pelo menos por enquanto...

Se você quiser usar este texto num trabalho de escola ou de faculdade, não precisa pedir autorização. Apenas cite corretamente o autor e informe pelo email cokebr@myrealbox.com para que eu tenha uma idéia de quantas pessoas usaram esse material.

Um leitor me chamou a atenção sobre o inglês difícil do poema do século XIX e é mesmo. Várias palavras sequer constam dos dicionários atuais e possuem outro sentido. Para ler o poema é preciso de um dicionário, portanto, há uma tradução livre na próxima página. A primeira palavra “twas” é uma contração de “that was” - “Era a noite antes do Natal”

The Night Before Christmas (original)

1822, Clement Clarke Moore

Twas the night before Christmas,
when all through the house,
Not a creature was stirring, not even a mouse.

The stockings were hung by the chimney with care,
In hopes that St. Nicholas soon would be there;
The children were nestled all snug in their beds,
While visions of sugar-plums danced in their heads;

And mamma in her 'kerchief, and I in my cap,
Had just settled down for a long winter's nap,
When out on the lawn there arose such a clatter,
I sprang from the bed to see what was the matter.

Away to the window I flew like a flash,
Tore open the shutters and threw up the sash.

The moon on the breast of the new-fallen snow
Gave the lustre of mid-day to objects below,
When, what to my wondering eyes should appear,
But a miniature sleigh, and eight tiny reindeer,
With a little old driver, so lively and quick,
I knew in a moment it must be St. Nick.

More rapid than eagles his coursers they came,
And he whistled, and shouted, and called them by name;

"Now, Dasher! now, Dancer! now, Prancer and Vixen!

On, Comet! on Cupid! on, Donner and Blitzen!

To the top of the porch! to the top of the wall!
Now dash away! dash away! dash away all!"
As dry leaves that before the wild hurricane fly,
When they meet with an obstacle, mount to the sky,
So up to the house-top the coursers they flew,
With the sleigh full of toys, and St. Nicholas too.

And then, in a twinkling, I heard on the roof
The prancing and pawing of each little hoof.

As I drew in my head, and was turning around,
Down the chimney St. Nicholas came with a bound.

He was dressed all in fur, from his head to his foot,
And his clothes were all tarnished with ashes and soot;
A bundle of toys he had flung on his back,
And he looked like a peddler just opening his pack.

His eyes -- how they twinkled! his dimples how merry!
His cheeks were like roses, his nose like a cherry!

His droll little mouth was drawn up like a bow,
And the beard of his chin was as white as the snow.

The stump of a pipe he held tight in his teeth,
And the smoke it encircled his head like a wreath.

He had a broad face and a little round belly,
That shook when he laughed, like a bowlful of jelly.

He was chubby and plump, a right jolly old elf, And I
laughed when I saw him, in spite of myself.

A wink of his eye and a twist of his head,
Soon gave me to know I had nothing to dread;
He spoke not a word, but went straight to his work,
And filled all the stockings; then turned with a jerk,
And laying his finger aside of his nose,
And giving a nod, up the chimney he rose;
He sprang to his sleigh, to his team gave a whistle,
And away they all flew like the down of a thistle.

But I heard him exclaim, ere he drove out of sight,
"Happy Christmas to all, and to all a good-night."

Em português temos a tendência de transformar nomes em ícones. Alguns exemplos bem recentes: George Walker Bush (parece até nome índio: George Arbusto Que Caminha), Ariel Sharon (Leão da Rosa), Yasser Arafat (Raposa do Monte Arafat), Arnold Shwartzenegger (Arnoldo Pretonegro). Nas línguas originais os nomes significam coisas diferentes dos valores que atribuímos a eles pela característica da não tradução que há no português falado no Brasil. Então vamos aos nomes das renas. A mais novinha, de 1936 é Rudolf, um nome próprio alemão que é Rodolfo. As originais de 1822 são: Dasher - “Corredora, aquela que se precipita na frente das outras, tanto que é a primeira”; Dancer - “Dançarina”; Prancer - “Empinadora”; Vixen - “Raposa”; Comet - “Cometa”; Cupid - “Cupido”; Donner - essa é a mais difícil porque você vai tentar o inglês e não consegue, pois é em alemão - “Trovão”, e a Blitzen, também do alemão e é “Relâmpago”. Para nós “blitz” em português está realcionada com controles policiais na rua o que não tem nada a ver. Na verdade, o plural de blitz é blitzen e não “as blitz” ou “blitzes” como a mídia usa.

The Night Before Christmas (original)

1822, Clement Clarke Moore - A Noite Antes do Natal (tradução livre por José Roitberg)

Era a noite antes do Natal,
Quando todos pela casa,
Nenhuma criatura se movia, nem mesmo um rato.

As meias estavam penduradas na chaminé com cuidado,
Na esperança de que São Nicolau logo estivesse lá;
As crianças estavam aninhadas todas aconchegadas em suas camas,
Enquanto visões de ameixas açucaradas dançavam em suas cabeças;
E mamãe com seu “lenço de inverno” e eu com meu gorro,
Tínhamos começado nos preparar para um longo cochilo de inverno.

Quando lá for a no gramado ouviu-se uns tinidos
Eu saltei da cama para ver o que era.
Depressa para a janela eu fui como um raio,
Puxei as cortinas e joguei longe sua faixa.

A Lua sobre a neve recém caída
Dava um brilho de meio-dia aos objetos lá embaixo
Quando, o que apareceu perante meus olhos desejosos,
Fou um trenó em miniatura e oito pequenas renas,
Com um pequeno velho condutor, tão vivo e tão rápido,
Eu sabia em um momento que tinha que ser São Nick.

Vieram mais rápidos que águias,
E ele assobiava e gritava e os chamava pelos nomes;
“Agora Dasher! Agora Dancer! Agora Prancer e Vixen!
Vai Comet! Vai Cupid! Vai Donner e Blitzen!
Para cima da varanda! Para cima da parede!
Agora saltem! Saltem! Saltem todos!”
E como folhas secas antes do furacão eles voaram,
Quando eles encontravam um obstáculo, subiam ao céu,
Então voaram para cima do telhado,
Com o trenó cheio de brinquedos e São Nicolau também.

E então em um cintilar eu ouvi no telhado

Cada pequena rena empinando e batendo com as patas.
Quando eu entendi e estava me virando,
São Nicolau veio pela chaminé com pulo.

Eles estava todo vestido com peles, da cabeça aos pés,
E suas roupas estavam manchadas pelas cinzas e fuligem;
Vários brinquedos estavam pendurados nas suas costas,
E ele olhou como um “vendedor” abrindo seu pacote.

Seus olhos – como eles brilhavam! Seu covinhas tão felizes! Suas bochechas eram como rosas e seu nariz como uma cereja!
Sua pequena boca estava sorrindo como um arco
E a barba em seu queixo era branca como a neve.
Segurava forte um cachimbo entre os dentes,
E a fumaça envolvia sua cabeça como uma grinalda.

Ele tinha um rosto largo e uma pequena barriga arredondada.
Que balançava quando ele ria como uma bacia cheia de geléia

Ele era gorducho e rechonchudo, a visão de um velho elfo,
E eu ri quando o vi, a despeito de mim mesmo.
Um piscar de seus olhos e um virar de sua cabeça,
Logo me fizeram entender que eu não tinha nada para temer;
Ele não disse uma palavra, mas foi direto ao trabalho,
E encheu cada uma das meias, então se virou de súbito,
E colocando o dedo ao lado de seu nariz,
E dando um aceno com a cabeça, subiu pela chaminé.

Ele saltou para seu trenó e deu um assobio para sua equipe,
E para longe eles voaram como queda de um carvalho
Mas eu ouvi ele dizer enquanto ele sai de vista, “Feliz Natal para todos e para todos uma boa noite”.